ISSN: 2358-8829

O MARACÁ QUE ECOA E FORTALECE A ANCESTRALIDADE: PROPOSTA PEDAGÓGICA A PARTIR DO TERRITÓRIO POTIGUARA

Aldenice Auxiliadora de Oliveira [1]
Sanderline Ribeiro dos Santos [2]

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma experiência de contação de histórias com a literatura indígena, realizada ao ar livre, em meio à natureza, no espaço da Pajé Fátima, localizado no território Potiguara, na Aldeia São Francisco, em Baía da Traição, Paraíba. Nesse espaço de vivências e encontros, a literatura se entrelaça à oralidade, à natureza e aos saberes ancestrais, reconhecendo o território como lugar de aprendizagem, memória e continuidade cultural. Por meio desses momentos de partilha, os conhecimentos são transmitidos de geração em geração, fortalecendo os vínculos com a ancestralidade e valorizando os modos próprios de existir e de compartilhar saberes do povo Potiguaras.

A proposta teve como objetivo promover a leitura literária a partir de uma obra de autoria indígena, possibilitando o contato com narrativas, saberes e elementos culturais de outros povos originários. Para a realização da experiência, foi escolhida a obra *Tuiupé e o maracá mágico*, de Auritha Tabajara e Paola Tôrres (2024), cuja leitura possibilitou explorar as relações entre literatura, cultura e espiritualidade indígena, valorizando a contação de histórias como prática de mediação literária e compartilhamento de conhecimentos. Nesse contexto, destaca-se o maracá, instrumento sagrado presente na cultura dos povos indígenas, cujos usos e significados estão relacionados às especificidades culturais e espirituais de cada povo, seu som acompanha cantos e rezos, estabelecendo conexões com a ancestralidade e com os modos próprios de compreender e vivenciar o mundo. Abordar esse instrumento por meio da literatura significa reconhecer

[1]Doutoranda do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, aldenice.auxiliadoraufpb@email.com;
[2] Mestra pelo Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, sanderlineribeiro@gmail.com

seus sentidos culturais e respeitar a diversidade das cosmologias e das práticas ancestrais indígenas.

Historicamente, diversos povos têm sido marcados por uma perspectiva eurocêntrica e colonialista que resultou no silenciamento de seus conhecimentos durante séculos, entre eles os povos indígenas e afro-brasileiros. Nesse contexto, a implementação de práticas educativas antirracistas representa um caminho para o enfrentamento das desigualdades e para a valorização da diversidade cultural.

É nesse contexto que se insere a experiência desenvolvida no território Potiguara e compartilhada pelas autoras a partir de suas práticas educativas. Ao promoverem o contato com obras literárias de diferentes povos originários, as autoras buscam aproximar as crianças indígenas de outras narrativas, histórias e perspectivas culturais, estabelecendo um diálogo entre esses conhecimentos e as experiências vivenciadas no próprio território. Essa proposta contribui para a formação de leitores críticos e para o desenvolvimento de uma educação antirracista, pautada no respeito à diversidade e no reconhecimento das identidades indígenas.

A experiência realizada no território Potiguara evidencia, ainda, o potencial da literatura indígena para preservar a memória ancestral e valorizar os conhecimentos transmitidos entre as gerações. Ao relacionar a leitura literária às vivências comunitárias, torna-se possível ampliar a compreensão das crianças sobre diferentes culturas, fortalecer o sentimento de pertencimento e desconstruir estereótipos historicamente associados aos povos originários. Dessa forma, a articulação entre literatura, território e práticas culturais constitui um caminho para valorizar os saberes ancestrais e fortalecer as vozes indígenas, contribuindo para que suas histórias e seus conhecimentos continuem presentes na formação das novas gerações.

REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura desempenha um papel fundamental na formação do leitor, possibilitando a ampliação dos horizontes culturais e o contato com diferentes realidades sociais e históricas. No contexto do território indígena, o trabalho com a literatura indígena assume relevância singular, pois não apenas contribui para o reconhecimento e a valorização das culturas dos povos originários, mas também instaura um espaço de diálogo sobre questões ambientais, históricas e identitárias. Nesse sentido, a sabedoria

ancestral permanece essencial para compreender e enfrentar as mudanças da sociedade contemporânea. Os povos indígenas compartilham experiências históricas e destacam a conexão entre os seres humanos e a natureza. A dimensão estética da literatura indígena também se manifesta como forma de resistência cultural, demonstrando a capacidade desses povos de preservar seus conhecimentos e tradições mesmo diante de diferentes desafios. De acordo com Marcia Kambeba:

> A escrita indígena é uma forma de autoexpressão de uma resistência que se arrasta e de uma existência que se firma nos moldes de uma sociedade que venda os olhos para um aprendizado com os povos numa atitude recíproca de solidariedade, cuidado, respeito, onde nada é meu, senão que tudo é nosso. (Kambeba, 2020a, p. 92).

Por meio da escrita, os autores indígenas dão visibilidade às suas histórias e às dificuldades enfrentadas por suas comunidades, contribuindo para o reconhecimento de suas vozes e para a valorização de sua existência e de seus direitos. Por meio dessas produções, os autores compartilham seus conhecimentos, suas tradições e suas experiências, contribuindo para ampliar o reconhecimento da diversidade indígena no país. "A leitura de obras da literatura indígena problematiza conceitos, desconstrói estereótipos, promove a reflexão sobre a presença dos índios na história e sobre a forma como a palavra e sua tradição narrativa/poética são apresentadas em sua especificidade." (THIÉL, 2012, p. 12). A articulação entre as experiências vivenciadas no território indígena e as obras literárias de autoria indígena configura-se como um caminho promissor para o enriquecimento das práticas pedagógicas no combate ao racismo e na desconstrução de estereótipos, além de contribuir para o enfrentamento do silenciamento histórico vivenciado por essas comunidades. Assim, a literatura indígena reafirma a continuidade histórica desses povos e a importância de reconhecer seus saberes como parte fundamental da diversidade cultural brasileira. Entretanto, a literatura indígena não se restringe apenas à escrita, pois também se manifesta por meio da oralidade e das práticas culturais dos povos originários. Nesse sentido, a autora Julie Dorrico destaca:

> O conceito "literatura" tomado pelos escritores indígenas não se restringe somente ao livro impresso, mas também envolve toda uma tradição ancestral, com os ritos, cantos, danças, festejos e práticas que

> são característicos dela. Ela começa na origem tradicional e abarca desde a aquisição da escrita alfabética até a produção criativa escrita e publicada. (DORRICO, 2018, p. 115).

É importante destacar que os conhecimentos transmitidos pela memória ancestral se renovam e se adaptam às transformações vivenciadas pelos povos indígenas. Essa continuidade fortalece a participação dessas comunidades na defesa de seus direitos, de seus territórios e de suas identidades culturais. Ao manter viva a memória de seus antepassados, os povos originários reafirmam suas histórias e encontram força para enfrentar os desafios impostos pelas estruturas sociais dominantes, preservando seus saberes e dando continuidade às suas lutas.

METODOLOGIA

A pesquisa que aqui apresentamos estão voltados à valorização da literatura indígena e à promoção de práticas de leitura literária em território indígena Potiguara. Nesse sentido, adotamos como percurso metodológico a realização de uma atividade de contação de histórias com crianças na Aldeia São Francisco, localizada no município de Baía da Traição, Paraíba. A escolha desse espaço está relacionada à valorização dos saberes ancestrais e à aproximação entre literatura, oralidade e território.

Durante a vivência, a contação de histórias constituiu o eixo central da prática, favorecendo a escuta, a interação e o diálogo com as crianças. A utilização do maracá contribuiu para compor um ambiente de aproximação com a narrativa e com as expressões culturais mobilizadas naquele contexto. Desse modo, a experiência buscou evidenciar as possibilidades da literatura indígena como prática educativa que valoriza os modos de existir dos povos originários e fortalece os vínculos entre leitura, memória, oralidade e ancestralidade.

Como percurso metodológica desse trabalho, adotamos a sequência básica de Cosson (2016), organizada em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. A motivação constitui o momento inicial, destinado a despertar a curiosidade dos estudantes e estabelecer uma aproximação com a obra literária. Para isso, são propostas atividades que incentivam a participação e mobilizam os conhecimentos prévios dos leitores, criando expectativas e preparando-os para as etapas seguintes da

sequência didática. Com relação a esse primeiro momento da sequência básica, Cosson (2016) destaca sua importância para despertar o interesse dos leitores e prepará-los para o encontro com a obra literária. O autor afirma:

> [...] Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. (Cosson, 2016, p. 54).

O próximo passo da sequência é introdução, nessa segunda etapa da metodologia do letramento literário consiste, de acordo com Cosson (2016), na "apresentação do autor e da obra" (p. 57). Ao apresentar fisicamente a obra ao aluno, busca-se despertar sua curiosidade e seu interesse pela leitura. Nesse momento, devem ser apresentados os recursos paratextuais, como capa, contracapa e prefácio, destacando suas funções e ensinando os alunos a buscar informações sobre o texto.

Na terceira etapa da sequência básica, ocorre a leitura propriamente dita da obra. Nesse momento da prática pedagógica, o professor desempenha o papel de mediador, estabelecendo um prazo para a conclusão da leitura. De acordo com o autor:

> Ao acompanhar a leitura dos alunos por meio dos intervalos, o professor poderá ajuda-los a resolver ou, pelo menos, equacionar questões que vão desde a interação com o texto, a exemplo do desajuste das expectativas que pode levar ao abandono do livro, até o ritmo de leitura, possível consequência tanto das condições de legibilidade do texto quanto da disponibilidade do aluno para realizar a atividade. (Cosson, 2016, p. 64).

A interpretação corresponde à fase posterior à leitura, na qual os estudantes compartilham suas compreensões, reflexões e percepções acerca da obra literária. A interpretação de uma obra literária está relacionada aos conhecimentos que os estudantes já possuem e às experiências vivenciadas por eles, incluindo o contexto social em que estão inseridos.

> No campo da literatura ou mesmo das ciências humanas, as questões sobre a interpretação e seus limites envolvem práticas e postulados tão numerosos quanto aparentemente impossíveis de serem conciliados, até porque toda reflexão sobre a literatura traz implícita ou explicitamente uma confissão do que seja uma interpretação ou de como se deve proceder para interpretar os textos literários. (COSSON, p.64, 2016).

A interpretação da leitura literária também envolve o compartilhamento das impressões e dos sentidos construídos pelos leitores durante o contato com a obra. Esse momento possibilita a expressão de ideias, a troca de experiências e a reflexão coletiva, por meio de atividades como rodas de conversa, bem como da relação entre a obra lida e outras manifestações culturais, como músicas, filmes e textos. Dessa maneira, os leitores podem ampliar suas percepções e construir novos significados a partir do diálogo e das experiências compartilhadas.

PRÁTICA DE LEITURA LITERÁRIA

Uma vez apresentadas as ideias fundamentais de Rildo Cosson, descrevemos, a seguir, a experiência desenvolvida a partir da obra *Tuiupé e o maracá mágico*, de Auritha Tabajara, tendo como referência as quatro etapas da sequência básica de letramento literário propostas pelo autor: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Percurso I – Motivação - Preparação dos participantes para o contato com a obra literária.

O Percurso I foi desenvolvido inicialmente com uma atividade de motivação realizada na aldeia, com o objetivo de aproximar as crianças da literatura indígena por meio de elementos presentes em sua cultura e em suas vivências cotidianas. Para esse momento, reunimos os participantes na Oca da Pajé Fatima, em um ambiente de acolhimento e valorização dos saberes ancestrais. Iniciamos a atividade com uma roda de conversa sobre a cultura indígena, seguida da dança do Toré, acompanhada pelo som dos tambores e das maracás. Essa vivência possibilitou valorizar as tradições da comunidade e fortalecer os vínculos com a ancestralidade. Durante a atividade, incentivamos os

participantes a compartilhar seus conhecimentos e experiências relacionados às manifestações culturais vivenciadas na aldeia, estabelecendo conexões entre a tradição oral, a identidade indígena e a literatura. Dessa forma, a motivação buscou despertar a curiosidade das crianças e prepará-las para o contato com a obra literária.

Percurso II – Introdução

Na etapa de introdução, contextualizamos a literatura indígena e apresentamos a obra Tuiupé e o maracá mágico, de Auritha Tabajara e Paola Tôrres, com ilustrações de Tai, publicada pela Companhia das Letrinhas. Organizamos as crianças em círculo e disponibilizamos o livro impresso para que pudessem manuseá-lo e observar seus elementos visuais e textuais, como a capa, o título, as ilustrações e as informações sobre as autoras e o ilustrador. Durante esse momento, realizamos os seguintes questionamentos para estimular a participação e a construção de hipóteses sobre a narrativa, como: O que vocês observam na capa? O que as imagens sugerem? Quem vocês imaginam que seja Tuiupé? O que o título nos faz pensar sobre o maracá mágico? Qual é a importância do maracá para os povos indígenas? As reflexões também buscaram estabelecer relações entre a obra e as experiências das crianças na aldeia, valorizando os conhecimentos tradicionais, a memória coletiva e a identidade indígena. Dessa forma, esse momento despertou o interesse pela leitura e evidenciou a literatura indígena como uma forma de expressão e de transmissão de histórias, saberes e tradições entre as gerações.

Percurso III - Leitura - Desvendando a história

A leitura foi realizada de forma compartilhada, com as crianças organizadas em círculo, favorecendo a escuta, a participação e a interação com a história. Durante esse momento, buscamos estimular a atenção aos acontecimentos narrados e às ilustrações, possibilitando que os participantes expressassem suas impressões e relacionassem os conteúdos da obra aos conhecimentos e às experiências de sua comunidade.

Percurso IV - Interpretação - Dialogando e construindo juntos

Na etapa de interpretação, promovemos uma conversa sobre a obra, durante a qual as crianças compartilharam suas compreensões e estabeleceram relações entre a narrativa e suas experiências cotidianas na aldeia. Nesse momento, destacaram a presença do maracá em diferentes vivências da comunidade, compartilhando conhecimentos sobre sua utilização e importância cultural. O instrumento, geralmente confeccionado com uma cabaça contendo sementes ou outros pequenos elementos que produzem som, está presente em cantos, danças, celebrações e práticas tradicionais dos povos indígenas. Para ampliar o diálogo, foram propostas questões como: Vocês já utilizaram ou viram alguém utilizando o maracá na aldeia? Em quais momentos da vida comunitária esse instrumento está presente? Vocês já participaram de danças, celebrações ou manifestações culturais acompanhadas pelo som do maracá? Como foi essa experiência? Quais elementos da história se relacionam com os conhecimentos e as vivências de vocês no território Potiguara? Essas perguntas buscaram valorizar os saberes das crianças e promover o diálogo entre a narrativa literária e as práticas culturais presentes na comunidade. A partir dessas trocas, as crianças relacionaram os acontecimentos da história às suas vivências familiares e comunitárias, reconhecendo a importância do maracá na continuidade dos costumes e na transmissão dos saberes ancestrais. Assim, a atividade favoreceu a construção coletiva de sentidos e valorizou a identidade indígena, a memória coletiva e a relação entre a literatura e a realidade vivenciada pelas crianças na aldeia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida ao longo deste trabalho possibilitou compreender o letramento literário como uma abordagem importante para o ensino da literatura indígena e às práticas culturais realizadas no território. Nesse contexto, a leitura literária ultrapassa o contato com a palavra escrita, pois permite que as crianças reconheçam, valorizem e atribuam significados às experiências vivenciadas em sua comunidade. A prática realizada na aldeia demonstrou a importância de aproximar a literatura indígena dos conhecimentos ancestrais, dos costumes e das tradições presentes no cotidiano das crianças. Dessa forma, trabalhar a literatura indígena no próprio território contribui para fortalecer o sentimento de pertencimento, valorizar nossos saberes transmitidos entre as gerações e reconhecer a nossa cultura indígena como parte fundamental do processo educativo. Além disso, evidencia que a formação do leitor se torna mais significativa

quando considera as vivências dos leitores e estabelece um diálogo entre a literatura, a ancestralidade e as práticas culturais da comunidade.

Acreditamos que a prática realizada contribuiu para o enfrentamento do racismo e para a desconstrução de estereótipos que dificultam o reconhecimento e a valorização de suas culturas. A experiência também evidenciou a importância da literatura indígena como instrumento de fortalecimento das identidades dos povos originários, destacando a relevância de práticas pedagógicas que promovam o respeito à diversidade cultural e contribuam para uma educação antirracista também dentro do território.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Poder executivo, Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

DORRICO, Julie. A leitura da literatura indígena: para uma cartografia contemporânea. Revista Igarapé, Porto Velho, RO, v.5, n.2, p. 107-137, 2018.

KAMBEBA, Márcia. O olhar da palavra Escrita de resistência. In: DORRICO, Julie; et al (Orgs.) Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

TABAJARA, Auritha; TÔRRES, Paola. *Tuiupé e o maracá mágico*. Ilustrações de Tai. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2024.

THIÉL, Janice. Pele silenciosa, pele sonora a literatura indígena em destaque. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica,
2012. 262 p.